

# Para Funaro, falta ao País uma postura mais incisiva com os credores

por Sônia Jourdani  
de São Paulo

A abertura política e a recessão econômica. Esta a combinação que deu contornos mais fortes à figura do empresariado nacional, hoje totalmente engajado na busca de soluções para os problemas brasileiros, com uma unanimidade que só a crise poderia produzir. Num crescendo, nos últimos três anos, os líderes empresariais reuniram-se, promoveram conferências, seminários e, em dois documentos importantes divulgados em 1983, tornaram públicas suas opiniões.

Com o chamado "Documento dos 12" e com "O desafio da renegociação: uma saída articulada" (este um estudo elaborado pelo corpo acadêmico da Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais), o empresariado mostrou sua disposição de participar da discussão sobre a crise, contribuindo com propostas concretas para recompor e dar novo rumo à economia. As sugestões dadas então parecem estar sendo acatadas agora: uma postura mais incisiva no tratamento com os credores para a reciclagem da dívida externa e um maior equilíbrio entre a abordagem financeira e política.

Dilson Funaro, presidente da Trol, observou na sexta-feira a este jornal serem muitas as formas de apoio que os empresários podem oferecer. Uma delas — pela proximidade com os banqueiros — é colocar em pauta a "irresponsabilidade da política monetária norte-americana", enfatizar que "nós não temos obrigação

de aceitar juros elevadíssimos" e, também, mostrar que existe um limite para o processo de ajuste que uma economia em desenvolvimento pode suportar.

O que realmente importa, segundo ele, é destacar que até agora o governo brasileiro não assumiu uma posição política à altura do discurso — "extremamente competente" — pronunciado pelo presidente Figueiredo na Organização das Nações Unidas. A esperança de que agora isso possa acontecer, dado o maior peso do Itamaraty nas negociações com a comunidade credora, Funaro contrapõe suas dúvidas: "Tenho as minhas de que um governo às vésperas da substituição, até o momento comprometido com uma renegociação sem risco e que aceitou submissão à vontade dos banqueiros, possa realmente alterar alguma coisa".

São mudanças políticas, a seu ver, as capazes de promover alterações profundas. "É difícil o próprio governo decidir-se pelo desengajamento do esquema anterior." Quanto às propostas já apresentadas, Funaro as compara ao Bolero de Ravel, como variações sobre um mesmo tema, que é sempre os juros. Estas variações, porém, ele acha possível articular num conjunto, de modo a formar um "pacote" negociável e aceitável. Mas saída, reafirma existir apenas uma, e expressa numa única palavra: política. "Tem de acabar esse teatro em que alguns países impõem a outros processos de ajuste que eles próprios não seriam capazes de aceitar."